

A AUSÊNCIA DA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E IMPACTOS NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Dhoniran Souza da Silva¹
Marcos Bastos Santana²
Orientador: Gleiton Silva de Sales³

RESUMO

A premissa básica deste trabalho é analisar criticamente os artigos selecionados acerca da ausência de professores homens no âmbito da Educação Infantil, para identificar estratégias para a promoção da diversidade de gênero. Com essa finalidade, realizamos pesquisa bibliográfica a partir de descritores para análise interpretativa do conteúdo dos artigos selecionados. Após análise dos seis artigos selecionados, emergiram três núcleos temáticos para discussão no Portal CAPES. Os resultados apontaram que, como as instituições de Educação Infantil eram assistencialistas, e as mulheres tinham a função de educar e cuidar das crianças, isso influenciou a relação equivocada entre mulher e habilidades inata de ser professora de crianças pequenas, um estereótipo que vem delimitando os espaços e papéis de gênero em nossa sociedade, afastando o homem de ser professor da Educação Infantil. Conclui-se, portanto, que o gênero tem sido um marcador que segrega o homem do papel de professor de uma etapa tão importante da Educação Básica. Entretanto, ainda de acordo com os resultados, há estratégias que podem e devem ser utilizadas para romper com esses padrões de que apenas a mulher é capaz de educar e cuidar de crianças. Uma delas é propor debate acerca da relevância da representatividade do homem na Educação Infantil, como também acerca da indivisibilidade do binômio cuidar-educar na formação dos professores. Outra estratégia é fomentar a desconstrução das diferenças de gênero, das profissões associadas ao sexo biológico, colocando o homem como protagonista da docência na Educação Infantil.

Palavras-chave: Homem; Gênero masculino; Docência; Educação Infantil.

ABSTRACT

The basic premise of this work is to critically analyze the selected articles about the absence of male teachers in Early Childhood Education, to identify strategies for promoting gender diversity. For this purpose, we carried out bibliographical research using descriptors for interpretative analysis of the content of the selected articles. After analyzing the six selected articles, three thematic groups emerged for discussion. The results showed that, as Early Childhood Education institutions were welfare-based, and women had the role of educating and caring for children, this influenced the relationship between women and the innate abilities of being teachers of young children, a stereotype that has been delimiting spaces and gender roles in our society, keeping men away from being Early Childhood Education teachers. It is concluded, therefore, that gender has been a marker that separates men from the

¹ Aluno do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – CAMPUS XIII. E-mail: jhonysouza0302@gmail.com

² Aluno do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia -UNEB – CAMPUS XIII. E-mail: marcosmercadoacar@gmail.com

³ Docente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – CAMPUS XIII. E-mail: xxxxxx

role of teacher in such an important stage of Basic Education. However, there are strategies that can and should be used to break these patterns that only women are capable of educating and caring for children. One of them is to propose a debate about the relevance of the representation of men in Early Childhood Education, as well as about the indivisibility of the care-education binomial in teacher training. Another strategy is to encourage the deconstruction of gender differences, of professions associated with biological sex, placing men as the protagonists of teaching in Early Childhood Education.

Keywords: Man; Male gender; Teaching; Child education.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é uma etapa fundamental no desenvolvimento das crianças, onde elas aprimoram suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais, como assinala Finco (2010), na escola, o protagonismo da criança adquire força e novas relações podem ser então definidas.

Tradicionalmente, as mulheres vêm predominantemente desempenhando a docência nessa etapa da Educação Básica, de determinada maneira que o gênero tem sido um dos propósitos como exigência para a docência na Educação Infantil. O que torna a falta de representação de professores homens na sala de aula da Educação Infantil um assunto importante e que precisa ser vastamente debatido, uma vez que se apresenta de modo multifacetado e rotulado, existindo nitidamente uma desvalorização em relação aos homens, com incertezas no que se refere às suas habilidades no tocante ao cuidado com as crianças, o que decorre de uma história que foram produzidos pensamentos essencialistas associado ao papel de cada gênero.

Esse cenário apresenta uma exigência que do ponto de vista cultural, tem gerado resultados a respeito das mulheres como prontamente capacitadas para cuidar e educar crianças, uma segmentação que nitidamente confirma que os homens são, naturalmente desqualificados para desempenhar tais funções, criando no decorrer dos séculos, a concepção de que não é competência dos homens o cuidado com as crianças, por serem apontados como sem destreza para a função e insensíveis. Partindo dessa lógica, nossa compreensão de gênero refere-se a uma estruturação cultural, relacional, política e temporal no campo da docência da Educação Infantil, surgindo com isso o seguinte problema de pesquisa: Por que existe uma ausência de docentes homens na Educação Infantil? Com a sua presença, quais estratégias podem ser elencadas para a promoção da diversidade de gênero? Para responder a esses questionamentos, alvitramos realizar uma pesquisa exploratória e qualitativa, concretizando se como um estudo bibliográfico, tendo como base, a leitura interpretativa e fichamento de 3

artigos publicados no Portal de Periódicos da CAPES, já elaborados com essa temática, nos últimos cinco anos.

Ademais, a partir da percepção da falta de representação de professores homens na sala de aula da Educação Infantil e durante as aulas do componente Tópico Educacionais na Contemporaneidade (TEC): Gênero e Educação, ministradas pelo professor Gleiton Sales, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB-Campus XIII, nos chamou a atenção do quanto a educação em geral e, principalmente, a Educação Infantil é sexista. Na ocasião estávamos sem tema para escrever o trabalho de conclusão de curso, quando vimos aqui a oportunidade de refletir sobre algo que é pouco explorado e tem bastante impacto na vida de alunos e, principalmente, dos poucos professores do gênero masculino que atuam nessa modalidade de ensino.

Neste cenário, este artigo tem o objetivo de analisar criticamente os artigos selecionados acerca da ausência de professores homens no âmbito da Educação Infantil, para identificar possíveis estratégias para a promoção da diversidade de gênero. Para refletir sobre essa questão é importante analisar a falta de professores homens da Educação Infantil, identificando as principais razões de sub-representação desses professores nesse contexto. A partir daí identificar, também, estratégias e intervenções para a promoção da presença de professores homens na Educação Infantil pois, como assinala Vasconcelos, Borges, Salomão (2020) precisamos de uma educação que percorra e assegure a diversidade em sua estrutura educacional, e possibilite às crianças um ambiente que não limite a prática docente nem o desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, é importante salientar a relevância social do tema, que se encontra no sentido de colaborar com novas discussões realizadas no âmbito acadêmico e fora dele, para que gradativamente esse cenário possa ser abrangido e seja alvo de mudanças, o que significa dizer que, da formação à atuação, tanto homens quanto mulheres podem desempenhar inúmeras profissões, em particular a docência na Educação Infantil.

Por fim, este artigo está estruturado da seguinte maneira: resumo, introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussão.

Como resultado, identificamos que o cuidar e educar tem sido excessivamente relacionado a capacidade inata feminina, um impedimento para o homem. Todavia, é significativo que aconteça o rompimento da docência como profissão feminina através de reflexões teóricas e formas de atuar dispondo-se a afastar atitudes discriminatórias quanto à docência de homens na Educação Infantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Estereótipo no dicionário Aurélio quer dizer clichê e chavão, ou forma compacta obtida pelo processo estereótipo (FERREIRA, 2002). Habitualmente observa-se a sociedade determinando como a pessoa deve ser ou portar-se, como um padrão natural, sendo que no contexto da educação o estereótipo dirigido ao docente homem é ainda mais gritante, ignorando o processo pedagógico da prática docente como é difundido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

É valoroso apresentar que no desenrolar da história no contexto educacional, certos estereótipos foram se formando em relação à docência masculina na Educação Infantil, mesmo este com formação e qualificação para ocupar esse segmento. É relevante também elucidar que o Brasil é um país marcado por sua natureza patriarcal, o homem enxergado como centro da família, e a mulher era subserviente com o papel de doméstica, lavando, passando, cozinhando, atendendo aos caprichos do marido e cuidando dos filhos. Nessa conjuntura, constata-se um conflito binário entre homem x mulher na docência e a figura de um profissional do sexo masculino no âmbito da Educação Infantil experimentando estereótipos produzidos no país que envolve a questão de gênero.

O espaço educacional brasileiro adveio de uma área hegemonicamente masculina, uma vez que os educadores predecessores eram homens, a exemplo dos jesuítas e os professores régios que deram início a atividade docente no Brasil, intentando colonizar os indígenas em meados de 1549, com a pretensão de catequizar, doutrinar e instruí-los com um sistema educacional elaborado por Manuel da Nóbrega (WITTMANN, 2008). Era normal o predomínio de professores homens nas salas de aula ao longo do período de colonização do Brasil, como é possível notar na citação de Louro (2014, p. 94):

No Brasil, a instituição escolar é primeiramente masculina e religiosa. [...] um espaço marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar. É importante notar que esse modelo de ensino permanece no país por um longo tempo, mesmo depois de oficialmente afastado, ao final do século XVIII.

A atuação da mulher em instituição escolar sucedeu com a expulsão dos jesuítas, com importantes transformações para o ramo da educação brasileira, a exemplo da feminização do magistério. Tendo como base as ideias de Benassi *et al* (2016, p. 250) percebe-se que:

A partir da metade do século XVIII, este modelo começa a mudar para um sistema que atenda às demandas advindas da revolução industrial, sendo a escola estatizada.

[...] O magistério é tratado como um dom feminino relacionado ao emocional materno que não era bem visto em outras funções públicas. Como cabia à mulher a geração e educação dos filhos, ela deveria seguir seu dom, educando e socializando os infantes.

Com isso, verifica-se que o homem se empenhou noutras profissões, afastando-se do magistério também pela desvalorização da educação no que tange as demandas salariais, e pela naturalização do pensamento de que cabia à mulher o papel de cuidar. Constata-se que nos diversificados cenários do dia a dia não é somente dentro da sociedade brasileira, mas de maneira usual as questões de gênero se fazem presentes, o que tem acarretado em contínua discussão acerca da temática, na atualidade. Conforme assinala Louro (2014, p. 23) “observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que constituem”.

Segundo Oliveira; Souza; Nascimento (2020) quando um profissional do sexo masculino adentra uma escola de Educação Infantil, várias são as críticas, atitudes preconceituosas e pensamentos contrários advindos da comunidade escolar, com opiniões formadas acerca da temática que, via de regra, só atrapalham o rumo e o trabalho do professor.

É de responsabilidade da instituição de Educação Infantil zelar pelo desenvolvimento integral da criança, proporcionar um ambiente educacional que respeita a diversidade, como assinala Vasconcelos, Borges, Salomão (2020) precisamos de uma educação que percorra e assegure diversidade em sua estrutura educacional, e possibilite às crianças um ambiente que não limite a prática docente nem o desenvolvimento infantil.

Ainda a esse respeito, Rodrigues (2008) assinala que o papel de educar não é exclusivamente feminino, o que se torna de fundamental importância um debate acerca do gênero na Educação Infantil, principalmente, e salientando que em sua grande maioria, o homem não é visto como pedagogo.

Consequentemente é imprescindível a desconstrução de julgamentos estereotipados no tocante a presença do professor homem na Educação Infantil, sendo possível ainda sustentar que este é um padrão que vem sendo imposto, que pode e deve ser rompido em certas situações da sociedade, principalmente, quando a temática percorre o contexto da educação, local onde tais questões de gênero estão veementemente interligadas com o trabalho do profissional.

2.2 DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fazendo analogia ao que traz a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a creche e a pré-escola é um direito da criança, da família e dever do Estado (BRASIL, 1988), concebendo a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Segundo Oliveira (2013) a Educação Infantil é a essência do processo educativo, uma etapa na qual a criança está em processo de desenvolvimento, estruturando sua base para sustentar a estrutura que virá com o passar dos anos.

Posteriormente a Educação Infantil passar a fazer parte da Educação Básica, surgiu o debate em relação ao cuidar e o educar, onde o educar diz respeito à construção de conhecimentos para a percepção de si, do outro e de seu entorno; o cuidar atende às necessidades das crianças como sono, alimentação, higiene, proteção, carinho, afeto (KRAMAER, 2005). Na Educação Infantil, a maneira de cuidar e educar diz respeito às práticas pedagógicas, que devem ser inclusivas, como afirma Oliveira (2013), uma das funções essenciais da Educação Infantil é a formação para a cidadania. Essa construção é organizada baseada na relação de respeito à diversidade, sentimentos com relação ao próximo, valorização do coletivo, reflexão das próprias atitudes.

Na visão de Rendo e Vega (2006) a diversidade é a pluralidade de realidades, valorização do diferente, promoção da interação social independente de cor, etnia ou gênero, mas que envolve a concepção de igualdade, justiça e liberdade. O Ministério da Educação evidencia em determinados documentos acerca da diversidade na Educação Infantil, a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (PNQEI, 2006), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010).

Nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil o multiculturalismo e a diversidade são conteúdos basilares para toda a escola e da mesma forma para toda a comunidade, por ocupar-se da pluralidade que compreende o ser humano, concebidos pela diversidade existente no Brasil e que até os dias atuais impera cercada por estereótipos (BRASIL, 2006). Por conseguinte, é de importância ímpar que quem se dedica à Educação Infantil expresse atitudes e ações rotineiras que reflitam essa aceitação para ser utilizado como experiência positiva para as crianças.

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é percebida pela comunidade como um ambiente feminino, sendo a figura masculina ignorada. A diversidade de gênero na educação encontra-se conectada, como vimos anteriormente, a princípios

histórico-culturais, tornando-se indispensável destacar as possibilidades explícitas da escola concorrer para a superação das desigualdades culturais de gênero, percebendo o trabalho do homem como docente nesse universo, estimulando a criança a compreender que o sexo é uma característica biológica, e que o gênero é uma concepção social que não necessita de separação entre feminino x masculino.

Salienta Sarmiento (2003, p. 14) “o mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social”. É importante salientar que a escola precisa se tornar um universo social de coexistência mútua entre os sujeitos, e que a desigualdade de gênero no âmbito escolar e na sala de aula é demasiadamente manifesto que se transfigura como algo naturalizado.

Uma das funções da escola é consolidar o respeito à diversidade, com uma educação sem qualquer tipo de preconceito, atentando-se que este é um universo adequado para a promoção de vínculos e garantia de possibilidades educativas e sociais, que frequentemente ocorre exatamente o oposto, como é reiterado por Louro (1997, p. 58) “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, relata ainda o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e os grandes, dos meninos e das meninas”.

Essa distinção de gênero não está compatível com a diversidade e individualidade do sujeito, contudo, apresenta-se repleto de preconceito, visto que “[...] gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88). O que vem a ser premente trazer essa discussão direcionada para a diversidade de gênero no universo escolar, visto que a mudança pode e deve ser praticada em diversos espaços, principalmente no âmbito escolar, pelo respeito à diversidade de gênero, respeito mútuo entre homem e mulher para fazerem suas escolhas.

2.3 PROMOÇÃO DA REPRESENTAÇÃO MASCULINANA EDUCAÇÃO INFANTIL

As normas sociais prescrevem condutas e comportamentos que são distintos para as mulheres e para os homens, e frequentemente as crianças são amoldadas a fim de que aceite condutas que a sociedade lhe impôs, a exemplo da segmentação entre meninos e meninas, homens e mulheres, masculinidade e feminilidade. Prevenir, informar, explicar, esclarecer, diminuir o preconceito e oportunizar a diversidade de gênero é uma estrada imensa, apesar disso, essa estrada pode ser percorrida por todos que fazem parte do universo escolar, sem

naturalizar as desigualdades, sem que as diferenças sejam legitimadas como algo que impulsiona a discriminações.

Conceber as adversidades envoltas da questão de gênero de uma maneira que os sujeitos saibam lidar consigo mesmos, permite identificar como as individualidades são múltiplas, rompendo com a concepção binária entre mulher x homem e aumentando a maneira como os vínculos são difundidos e valorizados na sociedade.

A questão de gênero pode ser entendida como histórica, continuamente recriada e o universo escolar é o mais adequado para vivenciar a igualdade, essa como diferenças, e não como uniformidade. Diferença de raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, cultura, até porque, o oposto de igualdade não é a diferença, mas a desigualdade que é idealizada socialmente, acima de tudo em uma sociedade apontada como de exploração de classes. Todavia, as diferenças fatalmente não representam as desigualdades, homens e mulheres são claramente diferentes, porém a desigualdade encontrar-se-á subentendida se olharmos essa diferença indicando a supremacia masculina (BENEVIDES, 2004).

Auad (2006) reitera que as questões de gênero estão em todo e qualquer lugar, e que essas questões são construídas e mantidas, e por esse motivo não são naturais e inalteráveis, sendo, portanto, capazes de serem reestruturadas e transformadas, principalmente, na infância.

Frente às reflexões o olhar será direcionado para a ação pedagógica exercida por professores homens em suas atividades profissionais na Educação Infantil, visto que desde que surgiu a Educação Infantil há predomínio de mulheres trabalhando nessa primeira etapa da educação, sendo algo incomum a presença do homem, já que durante todo esse tempo foi se formando o pensamento de que a mulher era a pessoa mais acertada para trabalhar com crianças, por, teoricamente, ter mais habilidades com o cuidado afetivo.

Mesmo porque muitas pesquisas acerca da presença de professores homens na Educação Infantil indicam que, mesmo com qualificação profissional, geralmente não são classificados capacitados, por ser bastante visível a convicção de que o homem não tem prática/aptidão para o cuidar e educar, e que é de sua “essência” ser ríspido, nervoso, aflito e, ademais, há um entendimento de que o homem não controla seus instintos sexuais, podendo ser uma ameaça para as crianças, visto que a docência nessa etapa abrange fundamentalmente o cuidado diário com o corpo da criança (RAMOS 2017; GUIZZO, 2013). Ainda a esse respeito Batista e Rocha (2018) trazem que nesse cenário a representação do professor e da professora da Educação Infantil tem estreita relação com o que é ser homem e mulher, isto é, com conceitos de sujeito e de gênero, socialmente estabelecida.

O que comprova haver um movimento histórico que busca uniformizar o masculino,

criando uma forma de masculinidade hegemônica, apresentada como legalmente melhor ou mais apropriada diante das outras expressões de sujeitos masculinos, e possuidora do poder em relação a outros gêneros, como assinala Carvalho (1998) que nessa masculinidade hegemônica, o modelo idealizado de homem relaciona-se a um serviço sexualmente ativo, heterossexual, provedor das necessidades da casa, geralmente destituído de sensibilidade e capacidade de realizar o cuidado de crianças na Educação Infantil.

Na visão de Batista e Rocha (2018, p. 96) ainda hoje é muito claro nas ações das professoras da Educação Infantil,

Uma profissão que desenvolve atividades relativas ao educar e ao cuidar de forma indissociável e complementar à família ainda ocasiona tensões no que diz respeito à influência das experiências maternas e domésticas no contexto educacional-pedagógico, dificultando a consolidação de uma cultura própria e específica da profissão.

A existência de professores homens em um universo preeminente de mulheres pode ajudar na dissolução de concepções que conferem somente às mulheres o cuidado e a educação das crianças, da mesma forma colaborando para apontar que o trabalho na Educação Infantil não deve ser maternal, mas pedagógico e profissional, como bem reflete Sayão (2005) para atuar na Educação Infantil é preciso formação teórico-prática, e não um desempenho de identidade de gênero específica.

É igualmente importante a fala de Batista e Rocha (2018, p. 108) nessa discussão por destacar que:

Dar visibilidade para o lugar social das mulheres e dos homens, desnaturalizar as concepções históricas que justificam as desigualdades sociais e de gênero, nos faz continuar problematizando aspectos que norteiam a profissão e a especificidade da docência na Educação Infantil, considerando que ainda depende de melhores definições acerca do trabalho desenvolvido com crianças de 0 a 6 anos de idade.

Á vista disso, torna-se de importância ímpar discutir o papel das mulheres e dos homens sem naturalizar o que concerne a um e ao outro. A presença de professores homens na Educação Infantil oportuniza às crianças desde muito cedo que, similarmente às mulheres, os homens podem ser educados, tranquilo, amável, didáticos, afetuosos, amorosos e atenciosos para com as crianças sem que suas masculinidades sejam diminuídas, mesmo porque “a docência na Educação Infantil é construída por meio do trabalho diário de homens e mulheres, e não está determinada por uma estrutura de gênero” (JAEGER e JACQUES, 2017, p. 550).

Consequentemente seria interessante que as questões de gênero e o debate sobre a presença de professores homens realmente permanecessem no plano de trabalho dos docentes,

nos projetos pedagógicos, pois, não é suficiente somente a inserção de profissionais homens como docentes nas instituições de Educação Infantil para que haja equidade de gênero. De antemão é relevante acrescentar que o mais importante é lutar para que não haja o preconceito com base nas representações de gênero, é fundamental o contínuo debate em todas as etapas de formação pelo respeito às diferenças, é imprescindível o desejo pela mudança como sujeitos envolvidos no processo de construção, desconstrução e reconstrução das relações de gênero.

3 METODOLOGIA

Pesquisa de natureza qualitativa, que na visão de Minayo (2001, p. 22) “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A escolha pela pesquisa qualitativa foi pela proximidade e domínio acerca das informações e resultados conseguindo melhor percepção do problema apresentado. A mesma tem características de descritiva, que segundo Marconi e Lakatos (2017) esse tipo de pesquisa aborda quatro aspectos, quais sejam, a descrição, o registro, a análise e interpretação de fenômenos atuais, visando seu funcionamento no presente.

Quanto aos procedimentos para coleta de dados, trata-se de pesquisa bibliográfica com buscas realizadas no Portal de Periódicos da CAPES no dia 06 de maio de 2024. A pesquisa bibliográfica é apropriada para os trabalhos científicos, uma etapa demasiadamente importante por servir de base para a fundamentação teórica nas ações propostas em todo o trabalho. Esse tipo de pesquisa na visão de Fonseca (2002, p. 32) “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

A coleta de dados bibliográficos foi alcançada através de descritores: homens na educação infantil e gênero masculino na educação infantil. Num primeiro momento utilizando o descritor “homens da educação infantil” obtivemos 125 artigos, dos quais selecionamos 12 (doze) e, num segundo levantamento utilizando “gênero masculino na Educação Infantil” obtivemos 62 artigos e selecionamos 8 (oito) artigos. Destes 20 artigos selecionados, ao avaliarmos título, resumo, conteúdo e, em especial, se discutia sobre ausência da docência masculina na Educação Infantil, selecionamos 6 (seis) artigos que se ajustavam com mais proximidade acerca da ausência da docência masculina na Educação Infantil, a intenção de nossa pesquisa. Apresentamos tais trabalhos no quadro a seguir.

Quadro 1: artigos selecionados

Título	Autor	Ano	Local	Tipo
Detalhamento do artigo: Gênero como marcador da condição docente	Rayffi Gumercindo Pereira de Souza et al.,	2022	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí	Artigo
O cuidar e o educar realizado por professores homens na educação Infantil: desafios de um cenário feminilizado	Leonardo Felipe Gonçalves Duarte et al.,	2022	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí	Artigo
Professor homem na Educação Infantil: O que pensam os pais, mães e educadores?	Dalila Castelliano de Vasconcelos et al.,	2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Artigo
“Vai ser um professor?!”: Estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil	Jéssica Daniele Fávaro et al.,	2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Artigo
Docência na Educação Infantil: Tecendo reflexões sobre gênero, masculinidade e formação de professores/As	Rayfi Gumercindo Pereira de Souza et al.,	2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Artigo
Da formação à atuação docente na Educação Infantil: o tabu da docência masculina	Junio Neto Santana et al; Adão aparecido Molina	2023	Ensino em Revista – Uberlândia, MG	Artigo

Fonte: elaborado pelos autores.

Após esta etapa, analisamos detalhadamente cada artigo selecionado, conforme apresentamos nos quadros abaixo.

Fonte: autoria própria

Título	Autor	Defesa	Local	Tipo
Detalhamento do artigo: gênero como marcador da condição docente.	Rayffi Gumercindo Pereira de Souza et al.,	2022	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí	Artigo
Objetivos	Discutir gênero como um marcador da condição docente no início da vida escolar.			
Caminhos da pesquisa	Abordagem qualitativa da pesquisa. A partir dos campos teóricos dos estudos de Gênero, Infância e Educação Infantil (FINCO, 2016; SOUZA; FERREIRA; LEAL, 2020; BELLO; ZANETTE; FELIPE, 2020). E a partir de uma narrativa de experiência de um dos autores deste texto, professor dessa etapa da Educação Básica.			
Resultados obtidos	<ul style="list-style-type: none"> • Especificamente o gênero tem sido um importante marcador da condição docente na Educação Infantil, excluindo o homem da função de professor nessa etapa inicial da educação básica, com base na construção cultural de uma masculinidade sexualizada e violenta e, portanto, imprópria para o cuidado infantil. Com efeito, ser homem constitui uma barreira para a inserção e permanência na docência em instituições de Educação Infantil, como evidenciado por diversas pesquisas e corroborando na experiência atual. • No episódio narrado por um dos autores deste texto, o pai de uma menina “se assustou” ao constatar que um homem seria o professor de sua filha. Porém, depois de conhecer – e vigiar por algum tempo – o trabalho desse docente do sexo masculino, o pai “mudou de ideia”, convencendo-se de sua qualificação para a função. • Ao se entender gênero como um conjunto de configurações relacionais, políticas e temporais que afetam a realização da docência nos ambientes escolares, e, ao se entender a condição docente, marcado pelo gênero em sua subjetividade e corporeidade, reitera-se a importância da inclusão da perspectiva de gênero na problematização da condição docente na Educação Infantil. 			

Quadro 3: Análise mais detalhada do artigo 2

Título	Autor	Defesa	Local	Tipo
O cuidar e o educar realizado por professores homens na Educação Infantil:	Leonardo Felipe Gonçalves Duarte et al.,	2022	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí	Artigo

desafios de um cenário feminilizado				
Objetivos	Analisar o que diz a literatura sobre o cuidar e o educar exercidos por professores homens na Educação Infantil, bem como apresentar os desafios encontrados por eles no exercício cotidiano do magistério.			
Caminhos da pesquisa	Metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa realizada por meio de palavras-chave: docência masculina, gênero, educação infantil, cuidar e educar, e suas combinações. Pesquisa bibliográfica Leitura dos resumos e da apreciação sobre o seu conteúdo. Análise interpretativa sobre as questões que apresentavam e interpretação dos dados.			
Resultados obtidos	<ul style="list-style-type: none"> Os professores homens causam estranheza quando atuam na educação infantil, o que é resultado das concepções constituídas socialmente de que as mulheres são mais aptas para a função de cuidar e educar crianças, o que, em contrapartida, inabilita o professor homem para exercer tais funções. Os professores homens na educação infantil, além de serem minoria, enfrentam desafios e resistências impostos pela comunidade escolar. Por mais que a educação infantil tenha perdido seu caráter assistencialista, a literatura discute que a primeira etapa da educação básica ainda se apresenta como voltada ao cuidado, o que a relaciona à ação feminina, daí que inabilitaria homens para o processo de cuidar de crianças na educação da infância. 			

Fonte: autoria própria

Quadro 4: Análise mais detalhada do artigo 3

Título	Autor	Defesa	Local	Tipo
O professor homem na educação infantil: o que pensam pais, mães e educadores?	Dalila Castelliano de Vasconcelos	2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Artigo
Objetivos	Analisar a concepção de pais, mães e educadores de crianças de 24 a 36 meses de idade da cidade de João Pessoa-PB, sobre a presença de professor homem na EI.			
Caminhos da pesquisa	Metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa Uso de entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados (100 participantes) Entrevista individual (100 participantes) e gravadas Análise dos dados a partir de contribuição teórico-metodológicas da análise de conteúdo propostas por Bardin (2011) Discussão dos resultados com base na literatura sobre relações de gênero, educar e Educação Infantil, a partir da perspectiva psicossocial.			
	<ul style="list-style-type: none"> Os resultados revelaram que as respostas dos progenitores variaram mais 			

Resultados obtidos	<p>em função do sexo do filho. Assim, ser pai ou mãe de menina esteve associado a uma maior rigidez na compreensão de que a atividade de cuidar e educar crianças, na primeira infância, é uma atribuição feminina e que, portanto, deve ser desempenhada por mulheres.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Salienta-se que a presença de homens na Educação Infantil pode colaborar para o próprio desenvolvimento infantil, pois se entende que essa é uma oportunidade para que crianças internalizem padrões menos rígidos de feminilidade e masculinidade. • Os resultados apontam para a necessidade urgente de promoção de debates sobre masculinidade e feminilidade, associado a uma compreensão mais ampla sobre a indissociabilidade do binômio cuidar-educar na formação dos educadores.
---------------------------	---

Fonte: autoria própria

Quadro 5: Análise mais detalhada do artigo 4

Título	Autor	Defesa	Local	Tipo
“Vai ser um professor?!”: estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na educação Infantil	Jéssica Daniele Fávoro	2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Artigo
Objetivos	Analisar, na ótica de três professores do sexo masculino atuantes na Educação Infantil, as vivências e desafios referentes à profissão por eles escolhida.			
Caminhos da pesquisa	Metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa Entrevista semiestruturada e roda de conversa (3 pessoas) Análise dos dados a partir da transcrição das entrevistas.			
Resultados obtidos	<ul style="list-style-type: none"> • Entende-se que a instituição educativa também age como reprodutora de preconceitos e dá continuidade a essa situação de separação de gênero e das atribuições que o envolvem, além de separações de corpos, principalmente na Educação Infantil, área socialmente tida como feminina, por aliar o cuidado de crianças pequenas a uma habilidade inata das mulheres. • Esta investigação revelou que os professores entrevistados, além de serem eles próprios uma desconfiguração dos padrões de gênero no contexto educativo, ainda tentam desconstruir a diferenciação entre gênero também em suas práticas, na tentativa de permitir que as crianças vivenciem múltiplas experiências sem as barreiras de normatização heterossexual, tão presente nas creches, pré-escolas e escolas. • Há um estranhamento que o homem atuante como professor e cuidador de crianças pequenas ainda gera, principalmente nesse momento em que surgem tentativas de políticas em velar a presença masculina na sala de aula e no cuidado de crianças pequenas, além dos impedimentos que já ocorreram, de forma velada, por parte da rede de Educação, por parte das famílias e dos gestores/as e coordenação. 			

Fonte: autoria própria

Quadro 6: Análise mais detalhada do artigo 5

Título	Autor	Defesa	Local	Tipo
Docência na Educação Infantil: tecendo reflexões sobre gênero, masculinidade e formação de professores	Rayffi Gumercindo Pereira de Souza	2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Artigo
Objetivos	Refletir sobre a participação dos homens na função de docentes na Educação Infantil, tomando por referência as categorias de gênero e masculinidades, a formação de professores/as no curso de pedagogia de uma universidade pública de Campina Grande -PB e a experiência de um dos autores com crianças de 4 e 5 anos de idade.			
Caminhos da pesquisa	Metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa Pesquisa bibliográfica relativas a questão de gênero, masculinidades, infâncias e formação de professores Relatos de experiências articulado à teoria.			
Resultados obtidos	<ul style="list-style-type: none"> • Com formação nos mesmos padrões que as professoras mulheres, os professores homens vêm sendo colocados e se colocando nas rodas de discussões, pautando debates, apresentando experiências peculiares e, em muitos casos, diferentes das experiências das professoras mulheres. • Nos espaços educativos com crianças, as mulheres ocupam mais espaços do que os homens, considerando outras tarefas para além da sala de aula. • Perceber e problematizar a relação complexa entre homens na Educação Infantil e sociedade é também uma forma de refletir sobre a educação que queremos e sobre qual sociedade pretendemos construir. • Trata-se da ampliação e valorização dos espaços institucionais de Educação Infantil e do direito da criança a conviver também com professores homens que, por serem, em muitos aspectos, diferentes das professoras, constroem outros significados nas formas de ver e mostrar o mundo às crianças. 			

Fonte: autoria própria

Quadro 7: Análise mais detalhada do artigo 6

Título	Autor	Defesa	Local	Tipo
Da formação à atuação docente na Educação Infantil: o tabu da docência masculina	Junior Neto Santana e Adão Aparecido Molina	2023	Ensino em Revista – Uberlândia/MG	Artigo

Objetivos	Analisar, sob uma perspectiva histórica, socioeconômica e política, a realidade na qual a presença masculina no curso de formação inicial de professores pedagogos e a possível atuação docente na educação de crianças pequenas é mais baixo e, por ora, alvo de diversos discursos sociais estereotipados, que sustentam a ideia de não pertencimento.
Caminhos da pesquisa	Metodologia de pesquisa de natureza qualitativa e exploratória Estudo bibliográfico, tendo como base a leitura interpretativa e fichamento de artigos, dissertações, teses e livros já elaborados com a temática. Tem como base o materialismo histórico-dialético e nas categorias de totalidade e contradição. Análise documental (documentos oficiais de órgãos educacionais – Censo da Educação Básica e do Ensino Superior).
Resultados obtidos	<ul style="list-style-type: none"> • A escassez masculina nesse contexto, é resultado de um processo histórico desencadeado a partir da Revolução Industrial, que afirmou o sistema capitalista como processo de produção dominante e conseguiu estabelecer a existência de duas classes: a burguesia e o proletariado. • A partir dos efeitos da Revolução Industrial, compreendemos que a existente escassez masculina, ora no curso de pedagogia, ora no exercício docente na Educação Infantil, está diretamente vinculada a historicidade da forma de representação social da mulher enquanto “educadora nata”. • Essas ideias e formas de representações sociais ainda se encontram arraigadas no imaginário popular do senso comum e corroboram para que pouquíssimos homens ingressem no curso de Pedagogia e que, posteriormente, busquem e/ou consigam atuar na educação e no cuidado de crianças pequenas. • A Educação Infantil é, predominantemente, o palco de atuação feminina e é, coincidentemente, ao mesmo tempo a etapa educacional na qual as profissionais de educação recebem em nível nacional, os mesmos salários.

Fonte: autoria própria

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a seleção dos artigos, realizamos a análise interpretativa do conteúdo sobre os quesitos que discorriam, levando em consideração a fala de Minayo (2012) quando traz que interpretar é um ato contínuo, e que toda compreensão traz uma possibilidade de interpretação, adequação do que se entende, já que para o autor, interpretar é criar possibilidades organizadas pelo que é compreendido.

Assim como também levamos em consideração o ponto de vista de Moraes (1999, p. 2) quando traz que a análise de conteúdo “constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias”. Entendemos que a análise de conteúdo confere ao método a relevância teórica, além de conceder suposições acerca da mensagem, traz fundamento, com pressupostos teóricos e efetiva posição alicerçado no contexto histórico e social da produção.

Deste modo, para a interpretação dos dados nos baseamos nos princípios teóricos que deram suporte ao presente trabalho e também, vimos como importante afirmar que este não é um trabalho acabado podem levantar-se novos questionamentos.

Nesta pesquisa buscamos analisar criticamente a literatura existente acerca da ausência de professores homens no âmbito da Educação Infantil, identificando possíveis estratégias para a promoção da diversidade de gênero. Os artigos da amostra estão apresentados nos quadros acima, e foram selecionados os que mais se aproximavam da discussão tentada nesta pesquisa.

O principal propósito em lidar com este material consiste na possibilidade dele apontar novas vias e fornecer pressupostos ao nosso problema de pesquisa. Deste modo, decidimos realizar análise mais aprofundada, evidenciando mais especificamente os caminhos da pesquisa e seus resultados.

Com a finalidade de realizar o estudo dos eixos temáticos (quais) com base na análise feita após a leitura dos 6 artigos selecionados, pudemos identificar três eixos temáticos que se destacaram: a Educação Infantil desde o assistencialismo até os aspectos de cuidar e educar; a Educação Infantil e o conceito de gênero e por fim, estratégias para criar um ambiente de convívio mútuo desconstruindo o sexismo no cotidiano escolar. Abaixo discutiremos os resultados obtidos com o estudo.

3.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL DESDE O ASSISTENCIALISMO ATÉ OS ASPECTOS DE CUIDAR E EDUCAR

A história mostra que a educação Infantil era ofertada para as crianças pequenas através de práticas assistencialistas e higienistas, um direito apenas das mães que trabalhavam e, sendo assim, algumas ideias foram sendo criadas sobre a Educação Infantil, a saber: a) vistas como instituições para o cuidado, guarda e disciplinamento; b) só as mulheres podiam exercer a docência. Corroborando com essa associação Louro (2012); Gonçalves; Carvalho (2017) acrescentam que as instituições infantis surgiram inicialmente como assistencialista, onde mulheres mais jovens tinha como função cuidar das crianças das mulheres que precisavam sair para trabalhar para ajudar no sustento da família.

Além disso, esse ponto é também ressaltado por Fávaro; Rossi (2020) quando assinalam que a questão de a mulher ser entendida como “educadora nata” por muitos teóricos da Educação Infantil influenciou no entendimento de que para trabalhar com crianças pequenas bastava ser mulher. Outro aspecto importante é a afirmação de Vasconcelos; Pochay

(2013, p.137) destacando que estabelecer a relação entre a mulher e sua habilidade inata de ser professora de crianças “não só territorializam a ‘mulher professora’. Eles agem como correias discursivas sobre mulher e o feminino: confiável, materna, carinhosa, capaz de cuidar ... e o que é homem: seu inverso”.

Souza; Campos; Carvalho (2022) ressaltam que essas ideias se mantiveram acesas até o final do século XX, quando novos estudos, leis e políticas foram sendo despontadas, trazendo como prioridade os direitos à educação da criança pequena a partir de um cenário bem diferente. A ênfase passou então para o educar e cuidar ao mesmo tempo, num processo educativo de vivências reconhecendo a criança como sujeito ativo, com direito a conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos que são construídos no decorrer de sua história.

A esse respeito, Vasconcelos, Borges, Salomão (2020) acreditam que precisamos de uma educação que percorra e assegure diversidade em sua estrutura educacional, e possibilite às crianças um ambiente que não limite a prática docente nem o desenvolvimento infantil.

A descoberta de Oliveira, Donelli e Charczuk (2020) reforçam que a relação existente entre cuidar e educar precisa ser levada em consideração na prática educativa da criança, pois esta deve ser vista como sujeito de desejos e não apenas como sujeito de direito à educação. Esse é um dos meios de superar a visão de que a criança está sujeita a um saber vertical, mas voltada ao cuidar, educar e brincar.

Ao analisar os artigos, observou-se que esse estereótipo de que a mulher é quem deve ser a cuidadora, pois esta é dotada de afetuosidade, sensibilidade para educar crianças pequenas, é o que sempre delimitou espaços e papéis de gênero na sociedade, afastando os homens da docência na Educação Infantil. Nesse cenário, a representação do professor e da professora na educação Infantil com crianças pequenas encontra-se uma relação íntima com a noção de gênero instituída socialmente (SOUZA et al, 2022; VASCONCELOS et al., 2020).

Essa descoberta é consistente com os estudos quando aponta que a primeira infância sempre foi marcada por vários processos de socialização que sucederam de uma forma não linear, o que faz com que a Educação Infantil seja vista como um espaço sem neutralidade no tocante a construção das relações de gênero e identidades infantis (ALCÂNTARA; DIAS; GIVINI, 2019).

Por outro lado, Souza; Campos; Carvalho (2022) trouxeram que nos dias atuais, torna-se de fundamental relevância pensar a condição docente no âmbito da Educação Infantil, o que necessita considerar as transformações culturais que estão sempre se movimentando, se transformando, a exemplo da valorização e qualificação docente, qualidade da formação

inicial e continuada, questões de gênero. Corroborando com essa afirmação, Vasconcelos, Borges, Salomão (2020) acrescentam que precisamos de uma educação que percorra e assegure diversidade em sua estrutura educacional, e possibilite às crianças um ambiente que não limite a prática docente nem o desenvolvimento infantil.

Conseqüentemente é imprescindível a desconstrução de julgamentos estereotipados no tocante a presença do professor homem na Educação Infantil, sendo possível ainda sustentar que este é um padrão que vem sendo imposto, que pode e deve ser rompido em certas situações da sociedade, principalmente, quando a temática percorre o contexto da educação, local onde tais questões de gênero estão veementemente interligadas com o trabalho do profissional.

3.2 EDUCAÇÃO INFANTIL E O CONCEITO DE GÊNERO

As diferenciações entre gêneros são construções sociais que nos sujeitamos ao longo de nossas vidas, são padrões presentes desde muito tempo, e que são reproduzidos em situações que nem sempre percebemos. Muitas das características são associadas a nós em conformidade com o sexo biológico na maioria das vezes percebidas como algo normal, inato e intrínseco. A partir daí são construídos padrões que são desempenhados por homens e mulheres, reproduzidos e mantidos, onde alguns setores da sociedade se beneficiam com essa separação e diferenciação de gênero.

Corroborando com essa percepção, Fávaro; Rossi (2020) acrescentam que um dos padrões que ainda persistem em nossa sociedade, apesar de ter havido transformações, ainda persiste uma construção social, política, cultural, educacional e histórica de que compete ao homem ser valente, corajoso, que contenha suas emoções, e de que às mulheres compete ser delicada, feminina, gentil, carinhosa, saiba cozinhar, lavar.

Essa percepção é também confirmada por Carvalho (1998) quando afirma que nessa masculinidade hegemônica, o modelo idealizado de homem relaciona-se a um serviço sexualmente ativo, heterossexual, provedor das necessidades da casa, geralmente destituído de sensibilidade e capacidade de realizar o cuidado de crianças na Educação Infantil.

Segundo Fávaro; Rossi (2020), a associação entre Educação Infantil e o conceito de gênero, não vê a imagem do homem no papel de professor de crianças pequenas, tornando-se pouco frequente. Para as autoras, esse entendimento se dá pela concepção de que as mulheres teriam as características biológicas necessárias para a função, como uma habilidade inerente

ao sexo feminino, como sempre foi reproduzido no decorrer da história que vinculam à docência questões de amor, afeto, cuidado ao universo feminino.

Em contrapartida, é relevante trazer a visão de Sarmento (2003, p. 14) “o mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social”. No entanto, uma das funções da escola é consolidar o respeito à diversidade, uma educação sem qualquer tipo de preconceito, porém, frequentemente ocorre o oposto, como é reiterado por Louro (1997, p. 58) “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, relata ainda o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e os grandes, dos meninos e das meninas”.

Segundo Souza; Ferreira; Leal (2020) é importante enfatizar que a categoria gênero concorre para a compreensão sobre a relação entre a docência desempenhada por homens e por mulheres, visto que é uma categoria relacional. Ao entendermos a categoria gênero torna-se mais compreensível as construções socioculturais que formam as ideias e as atitudes entre os indivíduos do mesmo sexo e de sexos opostos. No entanto, na Educação Infantil tem maior número de mulheres, uma função quase que exclusiva a elas, o que concorre para compreendermos que as mulheres são as pessoas mais apropriadas para realizar tal profissão. Por isso é relevante estudar gênero, ou seja, para entender a própria ação da sociedade, visto que ela se organiza nas próprias experiências dos indivíduos.

Na visão de Scott (1998, p, 15), gênero:

É a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos

Percebe-se que o autor conceitua gênero com base no método de organização social, um termo que caracteriza os papéis sociais de um grupo e contexto histórico, e em um outra oportunidade o mesmo autor complementa trazendo que “[...] gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88). Segundo Louro (2014) gênero é uma composição que se associa aos fatores sociais e culturais e não a particularidades biológicas

À vista de tais conceitos de gênero trazido pelos autores, é significativo investigar os processos, as estratégias e as práticas sociais e culturais que foram e/ou educam os sujeitos, que na visão de Ferreira (2008, p. 61) gênero “(.) implica produção de significados, de

identidades múltiplas e plurais, de mulheres e homens no interior das práticas sociais, portanto, dentro das relações de poder.

Essa relação de poder a que se refere o autor acima, é vista por Santana; Molina (2023) como uma relação de poder presente na ideia de gênero e, do mesmo modo os autores observam uma ligação entre a cultura, mesmo porque, a história mostra que a docência em todo o tempo foi consagrada às mulheres, sendo a presença feminina preponderante, um contraste fundamentalmente associado às questões de gênero se olharmos atentamente para a Educação Infantil, pela ausência de homens nessa etapa da Educação Básica.

Segundo o entendimento de Benevides (2004) a questão de gênero pode ser entendida como histórica, continuamente recriada e o universo escolar é o mais adequado para vivenciar a igualdade, essa como diferenças, e não como uniformidade. Diferença de raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, cultura, até porque, o oposto de igualdade não é a diferença, mas a desigualdade que é idealizada socialmente, acima de tudo em uma sociedade apontada como de exploração de classes. Todavia, as diferenças fatalmente não representam as desigualdades, homens e mulheres são claramente diferentes, porém a desigualdade encontrar-se-á subentendida se olharmos essa diferença indicando a supremacia masculina.

Nesse percurso, Louro (2014) afirma que [...] as mais variadas instituições e práticas sociais são formadas pelos gêneros (e também os constituem), o que quer dizer que essas [...] não somente “fabricam” os sujeitos como da mesma forma, são elas próprias, produzidas (*ou engendradas*) por representações de gênero, assim como por representações étnicas, sexuais, de classe.

Reiterando o que já foi afirmado acerca do gênero como relação de poder, fabricação de sujeitos, papéis sociais, Auad (2006) complementa que as questões de gênero estão em todo e qualquer lugar, e que essas questões são construídas e mantidas, e por esse motivo não são naturais e inalteráveis, sendo, portanto, capazes de serem reestruturadas e transformadas, principalmente, na infância.

É relevante se atentar na manutenção dos discursos sociais que direta ou indiretamente colaboram para que a docência no contexto da Educação Infantil até os dias atuais seja vista como uma atribuição feminina. Tais discursos são apontados por Santos e Castro (2015) de que da formação ao trabalho profissional, os homens trazem consigo um olhar de não pertencimento, como se estivessem fora do seu lugar. Corroborando com essa afirmação, Santana; Molina (2023) assinalam que de longas datas observa-se que na sociedade existe uma distinção inflexível acerca das concepções de gênero e funções sociais conferidas aos homens e mulheres, quer seja nas brincadeiras, brinquedos, aliando o sexo ao indivíduo. Da

mesma maneira, estabelece-se à mulher o papel de professora da Educação Infantil, como se o homem não pudesse atuar tão bem nesse papel.

3.3 ESTRATÉGIAS PARA CRIAR UM AMBIENTE DE CONVÍVIO MÚTUO DESCONSTRUINDO O SEXISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Segundo Souza; Campos; Carvalho (2022) as mulheres, tradicionalmente têm preenchido maioritariamente os espaços da docência na Educação Infantil, circunstância que resulta na separação sexual do trabalho, motivando entendimentos a respeito destas como naturalmente capazes de cuidar e educar de crianças pequenas. As autoras acrescentam que obstar acerca do sexismo no contexto escolar é importante para a criação de uma sociedade mais justa e igualitária. Para elas, por meio da efetivação de medidas eficazes há a possibilidade de produzir espaços onde o profissional da educação vivencie o acolhimento, o respeito e valorização, sem que seja levado em consideração o seu gênero.

Com essa mesma linha de raciocínio, Rodrigues (2008) enfatiza que o papel de educar não pode ser visto como exclusivamente feminino e, que para que haja mudanças é importante um debate acerca do gênero na Educação Infantil, e salienta que em sua grande maioria, o homem não é visto como pedagogo.

Uma situação muito significativa e que deve ser dada a importância merecida, concerne a atenção às vivências de desterritorialização de paradigmas, indispensáveis em uma sociedade que insta por melhor qualidade das relações sociais, profissionais e afetivas. A busca é por relações de gênero mais igualitária, maior frequência do professor homem na Educação Infantil, para que haja vivências igualitárias. Tornando-se imprescindível pensar e descobrir vias para a construção de espaços sociais, culturais e educacionais que não tragam uma ideia inferiorizante das crianças e suas infâncias, nem as habituais diferenças e estruturas de gênero que anulam o desenvolvimento de meninos e meninas, pois existe nas técnicas de escolarização uma obsessão em vigiar, controlar, moldar, corrigir e produzir corpos de homens e mulheres (SOUZA; CAMPOS; CARVALHO, 2022).

Nesse sentido, é categórico interceder pelo trabalho do professor e da professora no cuidado e na educação das crianças pequenas, papéis que não podem ser atribuídos tão somente às mulheres, mas sim dos sujeitos, precisando descontinuar, com início na Educação Infantil, com padrões básicos de gênero que são fabricantes de diferenças e angústias, próprios das relações de dominação de gênero. Da mesma forma exige-se transformações de estruturas sociais e institucionais, a exemplo da transferência da maternagem da casa à escola,

como também de práticas pedagógicas e sujeitos, tanto docentes quanto discentes (SOUZA; CAMPOS; CARVALHO, 2022).

Corroborando com o que foi dito até o momento, Batista e Rocha (2018, p. 108) acreditam ser uma excelente estratégia “dar visibilidade para o lugar social das mulheres e dos homens, desnaturalizar as concepções históricas que justificam as desigualdades sociais e de gênero (...)”.

As estratégias trazidas por Fávaro; Rossi (2020) é de que é impreterível inserir o ponto de vista masculino como elemento significativo no ato de cuidar, atuar, mediar e educar, revelando a possibilidade assim como a necessidade de associar masculinidade ao cuidado e à educação e não unicamente aos aspectos financeiros e de força. Para Souza; Ferreira; Leal (2020) a estratégia é refletir acerca da importância da formação profissional para a atuação docente com qualidade, sem ter em conta o gênero, visto que, como parte da formação de professores, os cursos de Pedagogia precisam pôr em prática seu papel e responsabilidade de preparar todos, sem exceção, para o magistério. E ainda acrescentam que é relevante também discutir e incentivar maior participação dos homens como professores da primeira etapa da Educação Básica, reconhecendo e valorizando o seu trabalho e rompendo com preconceitos históricos, a fim de contribuir para a superação de padrões que dividem as relações e fortalecem as diferenças sociais com ênfase nas distinções de sexo e/ou de gênero.

A existência de professores homens em um universo preminentemente de mulheres pode ajudar na dissolução de concepções que conferem somente às mulheres o cuidado e a educação das crianças, da mesma forma colaborando para apontar que o trabalho na Educação Infantil não deve ser maternal, mas pedagógico e profissional, como bem reflete Sayão (2005) quando afirma que para atuar na Educação Infantil é preciso formação teórico-prática, e não um desempenho de identidade de gênero específica.

Segundo Souza; Ferreira; Leal (2020, p. 7-9), o conceito de gênero fornece subsídios para construirmos ideias e agirmos a respeito dos significados de ser homem e de ser mulher. O conceito de gênero coloca ou recoloca questões entre o pensar e o agir. Em síntese, gênero literalmente relaciona-se à cultura, produz-se no tempo, nos diversos ambientes, em conformidade com determinadas condições sociais. Complementando, Jaeger e Jacques (2017, p. 550) trazem que “a docência na Educação Infantil é construída por meio do trabalho diário de homens e mulheres, e não está determinada por uma estrutura de gênero”.

Souza; Ferreira; Leal (2020) enfatizam a relevância de experienciar uma trajetória formativa e que o debate seja a partir de concepções acerca do ser-fazer docente e com respeito às crianças pequenas, uma vez que tais conhecimentos colaboram para uma

concepção de Educação Infantil como um espaço de escuta das crianças, de valorização de suas capacidades, competências, habilidades e possibilidade de propostas pedagógicas que tragam significado para elas. A fala de Batista e Rocha (2018) é importante nessa discussão por destacar a relevância em:

Dar visibilidade para o lugar social das mulheres e dos homens, desnaturalizar as concepções históricas que justificam as desigualdades sociais e de gênero, nos faz continuar problematizando aspectos que norteiam a profissão e a especificidade da docência na Educação Infantil, considerando que ainda depende de melhores definições acerca do trabalho desenvolvido com crianças de 0 a 6 anos de idade.

Diante do exposto, torna-se de importância ímpar discutir o papel das mulheres e dos homens sem naturalizar o que concerne a um e ao outro. Segundo Souza; Ferreira; Leal (2020) o trabalho de um profissional que atua no âmbito escolar com crianças pequenas independe de seu gênero, isto é, não pode ser balizado como bom ou ruim, por isto, contudo e principalmente, considerado a partir de uma formação que veja as reais necessidades das crianças da Educação Infantil, considerando suas infâncias e dialogando com as famílias.

Para os autores, é preciso considerar os elementos concretos acerca do olhar classificatório que se dirige sobre os homens que trabalham na Educação Infantil, de tal forma que esse movimento de recondução do olhar para esses indivíduos seja capaz de superar as dificuldades para o reconhecimento da relevância de uma formação inicial e continuada apropriada para os profissionais que atuam nessa etapa da Educação Básica, sejam homens ou mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as leituras concluímos que a escola é uma instituição que carrega consigo processos de socialização de acordo com as normas de gêneros dominantes, que propaga em seu âmbito e em suas condutas, as reflexões de gênero, segregando os indivíduos do sexo masculino da docência junto às crianças da Educação Infantil. Além do mais, ensina formas binárias e separa o ser homem e o ser mulher de uma forma velada e por vezes de forma bastante visível. Na conjuntura docente da Educação Infantil, o gênero mostra-se como significativo marcador, segregando o homem do papel de ser professor dessa etapa da educação básica, tendo como objetivo a construção cultural, formando um obstáculo para sua inserção e continuidade na docência, como foi apontado nas pesquisas.

Todavia, foi mostrado também que é possível prosseguir no que se refere à concepção de novas interpretações no tocante à docência de homens na Educação Infantil, rompendo

com padrões em relação de que só a mulher tem a capacidade de cuidar, de dar apoio às crianças pequenas de uma forma inata. Porém, para que sejam construídas outras relações de gênero não binárias, não dicotômicas e não desiguais, é determinante que exista referência do professor homem na Educação Infantil, tendo, com isso, a criação de relações de gênero.

Respondendo ao questionamento: Com a ausência de professores homens no âmbito da Educação Infantil, quais estratégias podem ser elencadas para a promoção da diversidade de gênero? Seria a inserção de homens como professores da Educação Infantil para que haja, dessa forma, uma igualdade de sexo e gênero na docência, assim como para aumento dos meios de civilidade e parcialidade. Além disto, vale ressaltar que a presença de homens nessa etapa inicial da educação básica pode apresentar-se como uma forma de contribuir para o desenvolvimento infantil, devido ao entendimento de que essa é uma possibilidade para que as crianças pequenas exteriorizem modelos de preferência menos rigorosos de feminilidade e masculinidade.

Outra estratégia é debater acerca da relevância da representatividade dos homens no âmbito da Educação Infantil, fortalecendo identidades e um trabalho pedagógico mais coletivo. Como também é inadiável a promoção de debates a respeito da masculinidade e feminilidade, correlacionados a uma percepção mais vasta acerca da indivisibilidade do binômio cuidar-educar na formação dos professores.

À vista disso, é igualmente fundamental e indispensável um trabalho de desconstrução das diferenças de gênero, das profissões associadas ao sexo biológico dos indivíduos, ainda que saibamos que é algo que já está consolidado, é necessário uma percepção mais atenta para essas diferenças entre gêneros que vem se repetindo nas práticas pedagógicas.

Da mesma forma é significativo colocar o homem como protagonista da docência na Educação Infantil, provocando essa reflexão, trazendo essa discussão para o âmbito das instituições de Educação, discutindo sobre gênero e masculinidade, questionando essa relação complexa entre homens na Educação Infantil e a sociedade na qual está inserido, refletindo a respeito da educação e sociedade que queremos construir.

Enfim, concluímos o texto, porém não findamos a discussão, visto que o importante foi motivar esse debate acerca da ausência de homens na Educação Infantil, e não unicamente encerrar com a temática que é tão complexa, nem o objetivo foi trazer respostas prontas. Esse tema exige mais pesquisas e conhecimento acerca da realidade de cada homem que planeja trabalhar com crianças na Educação Infantil, uma vez que até então há preconceitos que necessitam ser vencidos. Precisamos de um ambiente de educação que leve em consideração a diversidade e que seja autônomo em suas concepções para que não estabeleça limites na

prática dos professores nem tampouco no desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, J. N. de.; DIAS, A. F.; GIVIGI, R. C. do N.; Brincar na Educação Infantil: problematizando as relações de gênero na escola. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 44, e20/, p. 1-21, 2019.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por forças: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

BATISTA, R.; ROCHA, E. A. C. Docência na educação infantil: origens de uma constituição profissional feminina. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 95-111, 2018.

BENASSI, Cassiane Beatrís Pasuck. **A inserção da mulher no mercado de trabalho e o seu predomínio no magistério**. Revista Contrapontos – Eletrônica, Vol. 16. N. 2 – Itajaí, Mai-Ago, 2016. Doi: 10.14210/contrapontos.v16n2. p244-263.

BENEVIDES, Maria Victoria. Cidadania e questão de gênero. In: **Educar para igualdade: gênero e educação escolar**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Secretaria de Educação, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2023.

_____. **Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação**. Ministério da Educação. Brasília, 2006.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 6, n. 2, p. 406-422, jun./dez. 1998. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/PintodeCarvalho.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

DUARTE, L. F. G.; DUARTE, R. G.; GIMENEZ, R.; MARTINS, I. C. O cuidar e o educar realizado por professores homens na educação infantil: desafios de um cenário feminilizado. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 91-106, 27 maio 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/14998/10830>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

FAVARO, J. D; ROSSI, C. R. Vai ser um professor?!: estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na educação infantil. **Dossiê: Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências**, v. 22, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/75575>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

FERREIRA, J. L. **Homens ensinando crianças**: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FINCO, Daniela. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. (Tese de Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GONÇALVES, Josiane; CARVALHO, Viviane. Professores homens e desenvolvimento da carreira docente em profissão vista socialmente como feminina. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v.20, n.1, p.49-64, 2017.

GUIZZO, Bianca Salazar. Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada. **Infâncias, gênero e sexualidade**: nas tramas da cultura e da educação. Canoas: Editora da ULBRA, 2013.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, 2017.

KRAMER, Sonia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D.; PINSK, B. C. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 441-481.

_____. **Gênero sexualidade e educação**: uma Perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2014.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, M. A.; DONELLI, T. M. S.; CHARCZUK, S. B. Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 24, e213679, 2020.

OLIVEIRA, Márcio; SOUZA, Marinês Viana; NASCIMENTO, Jefferson Araújo. Docência masculina na Educação Infantil: percepções de pedagogos egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 25, n. 3, p. 145-163, nov., 2020.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Gestão pedagógica na educação infantil. **Gestão. Nova Escola**. 01 de dez. de 2013.

RAMOS, Joaquim. **Gênero na Educação Infantil: relações (im)possíveis para professores homens**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

RENDO, Alicia Devalle de; VEGA, Viviana. **Uma escola para a diversidade: o filho da diversidade**. Buenos Aires: Aique, 2006.

RODRIGUES, Diego Pires Rodrigues. **Paradigmas do homem na pedagogia: A atuação do pedagogo como fonte de transformação da educação**. Centro de ciências humanas Universidade do sagrado coração, Bauru. São Paulo, p. 24-25, 2008.

SAYÃO, D. T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SANTANA, J. N.; MOLINA, A. A. Da formação à atuação docente na Educação Infantil: o tabu da docência masculina. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 30, n. Contínua, p. e014, 2023. DOI: 10.14393/ER-v30a2023-14. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/67676>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

SANTOS, V. R. dos; CASTRO, R. P. de. “Pedagogia é lugar de homem?” Pensando em relações de gênero a partir do curso de Pedagogia da UFRJF1. 2015. *In: IV SIES, Simpósio Internacional da Educação Sexual: Feminismos, identidade de gêneros e políticas públicas. Anais*. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/649.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SOUZA, R. G. P. DE; CAMPOS, K. P. B.; CARVALHO, M. E. P. Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 123-138, 27 maio 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/pdres.v9i20.15010>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

SOUZA, R. G. P de; FERREIRA, J. L.; LEAL, F. L. A. Docência na educação infantil: tecendo reflexões sobre gênero, masculinidade e formação de professores. *Dossiê: Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências*, v. 22, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/75716>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

VASCONCELOS, D. C; BORGES, L. C. SALOMÃO, N. M. R. O professor homem na educação infantil: o que pensam pais, mães e educadoras?. *Dossiê: Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências*, v. 22, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/76047>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

VASCONCELOS, F. U. P.; POCAHY, F. A. “**Não é a mamãe?**”: a presença de homens educadores como elemento na problematização da agonística social da feminização da Educação Infantil. *Textura*, n. 28, mai/ago, 2013.

WITTMANN, L. Tompini. A música nos Primeiros anos de Presença Jesuítica no Brasil: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. **ANPUH/SP- USP**. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.